

A SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRAS

THE SYSTEMATIZATION OF NURSING CARE IN BRAZILIAN HIGHER EDUCATION INSTITUTIONS

Cryshna Leticia Kirchesch

Universidade Federal de Pelotas - UFPEL

Abstract

The present study aimed to analyze, through the integrative review, the methods used to learn Nursing Care Systematization in Brazilian Higher Education Institutions. The search was performed in the databases of LILACS and SciELO Brazil, in January 2016. The inclusion criteria were articles indexed in articles format; Written in Portuguese, English or Spanish; Of any time limit. The sample consisted of 14 articles. Among the results were established five categories: Disciplines that approach the subject; Theoretical reference used; Difficulties and facilities in teaching; Suggestions to improve student learning about the Systematization of Nursing Care; Advantages that the theme provides in academic training. It was concluded that the Systematization of Nursing Care occurs in a different way among the undergraduate courses, in which the topic is often fragmented.

Key words: Systematization of nursing care; Nursing process; Nursing education; Teaching; Nursing.

Resumo

O presente trabalho teve como objetivo analisar, por meio da revisão integrativa, os métodos utilizados para o aprendizado da Sistematização da Assistência de Enfermagem nas Instituições de Ensino Superior brasileiras. A busca foi realizada nas bases de dados da LILACS e SciELO Brasil, no mês de janeiro de 2016. Os critérios de inclusão foram trabalhos indexados em formato de artigos; redigidos em português, inglês ou espanhol; de qualquer limite temporal. A amostra constituiu-se de 14 artigos. Dentre os resultados estabeleceu-se cinco categorias: Disciplinas que abordam o assunto; Referencial teórico utilizado; Dificuldades e facilidades no ensino; Sugestões para aprimorar o aprendizado dos alunos acerca da Sistematização da Assistência de Enfermagem; Vantagens que a temática proporciona na formação acadêmica. Concluiu-se que a Sistematização da Assistência de Enfermagem ocorre de maneira distinta entre os cursos de graduação, nos quais a temática, muitas vezes, apresenta-se fragmentada.

Palavras chave: Sistematização da assistência de enfermagem; Processos de enfermagem; Educação em enfermagem; Ensino; Enfermagem.

Introdução

A Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) é caracterizada como a adoção de um método científico que pode ser utilizado na prática clínica, a fim de ampliar a qualidade do atendimento prestado ao paciente e conferir maior autonomia a classe profissional de enfermagem. A implementação da SAE possibilita que as atividades de trabalho sejam realizadas por meio de respaldo científico, o que permite subsidiar com segurança às práticas efetuadas, aumentando a credibilidade das ações de enfermagem e satisfação dos profissionais¹.

A SAE tem possibilitado a identificação rápida das intervenções prioritárias ao paciente e pode ser aplicada em diferentes especialidades, desde o atendimento na atenção básica até os serviços de alta complexidade. Sua utilização contempla etapas sistemáticas para a avaliação do paciente, como a coleta de dados, diagnósticos de enfermagem, planejamento, implementação e avaliação das ações desenvolvidas, sendo que a etapa da implementação também envolve a atuação dos técnicos de enfermagem, contribuindo com a qualidade do cuidado prestado por todos os profissionais da equipe de enfermagem².

O modo para executar a SAE mais difundido e utilizado na maioria dos países é o Processo de Enfermagem (PE), caracterizado pela cientificidade e pela tomada de decisões. No entanto, faz-se importante explicitar que os termos SAE e PE são utilizados, muitas vezes, como sinônimos por autores de publicações científicas nacionais³⁻⁴.

O termo PE foi empregado pela primeira vez em 1961, por Ida Jean Horlando, no qual foi descrito como um método que proporcionaria a melhoria da qualidade do cuidado, possibilitando ao enfermeiro sistematizar as ações da equipe de enfermagem, voltadas às necessidades do paciente⁵.

No Brasil, a partir da década de 1970, Wanda de Aguiar Horta desenvolveu um modelo para sistematizar a assistência de enfermagem, baseado na Teoria das Necessidades Humanas Básicas, que fora organizado em seis etapas inter-relacionadas: histórico de enfermagem, diagnósticos de enfermagem, plano assistencial, prescrição de enfermagem, evolução e prognóstico de enfermagem. Esse processo de enfermagem passou a ser difundido nos cursos brasileiros de graduação, tornando-se o alicerce da construção da SAE como ela se configura na atualidade⁶.

No ano de 2002, foi aprovada a Resolução do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) n° 272, revogada pela Resolução n° 358/2009, que trata da importância da SAE em ambientes, públicos ou privados, nos quais acontece o cuidado do profissional de enfermagem, a fim de organizar o trabalho do Enfermeiro. Essa Resolução foi um passo importante para que a SAE ganhasse notoriedade frente à sociedade, principalmente, em relação à categoria profissional de enfermagem, ampliando a necessidade de seu ensino nas universidades⁷.

Após a regulamentação dessas Resoluções, as instituições de saúde passaram a ter como obrigatoriedade a implantação da SAE, o que motivou a inclusão da temática nos cursos de graduação em enfermagem intensificando as discussões sobre os desafios da implementação da SAE na assistência, no ensino e na pesquisa⁸.

Desde então, observou-se que o ensino da SAE durante a graduação contribui para que os alunos sejam capazes de relacionar a teoria e a prática, considerando a cientificidade das ações, uma vez que, o raciocínio clínico do profissional é formado durante a graduação. Frente a isso, as Instituições de Ensino Superior (IES) possuem o desafio de contemplar a temática em suas matrizes curriculares de maneira ininterrupta dentre os semestres, de modo que após formados, os alunos tenham subsídios para implementar a SAE em seus locais de trabalho⁹.

Sendo assim, julgou-se pertinente a elaboração desse estudo, que tem como objetivo analisar, por meio da revisão integrativa, os métodos utilizados para o aprendizado da Sistematização da Assistência de Enfermagem nas Instituições de Ensino Superior brasileiras.

Acredita-se que ao trazer a síntese das dificuldades, facilidades, referencial teórico, sugestões e vantagens do ensino da SAE, esse estudo possa contribuir para que enfermeiros assistenciais, docentes e estudantes de enfermagem reflitam acerca do ensino/aprendizagem na graduação, empenhando-se na busca por um agir mais crítico, com fundamentação científica. Afim ainda, de cumprir as resoluções do COFEN, faz-se necessário a compreensão do trabalho exclusivo da enfermagem, suscitando discussões para implementar mudanças que promovam uma melhor qualidade na assistência por meio da SAE.

Metodologia

Revisão integrativa de literatura que tem

por finalidade reunir, a partir de busca sistemática e ordenada, as evidências disponíveis do tema investigado, tendo como resultado final parâmetros atuais. As seis etapas preconizadas foram seguidas e descritas a seguir¹⁰.

Inicialmente definiu-se o tema do estudo e o objetivo emergindo o questionamento norteador: O que há na literatura acerca dos métodos utilizados para o aprendizado da Sistematização da Assistência de Enfermagem nas Instituições de Ensino Superior brasileiras?

Os critérios de inclusão para a busca de estudos foram: trabalhos indexados na base de dados da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e na biblioteca eletrônica Scientific Electronic Library Online (SciELO Brasil); utilização dos descritores “processos de enfermagem” e “educação em enfermagem”, junto ao operador booleano AND; publicações em formato de artigos; artigos redigidos nos idiomas português, inglês e espanhol; artigos de qualquer limite temporal. Foram excluídos os artigos que não responderam à questão norteadora do estudo. Desse modo, ao consultar as bases de dados, identificaram-se 47

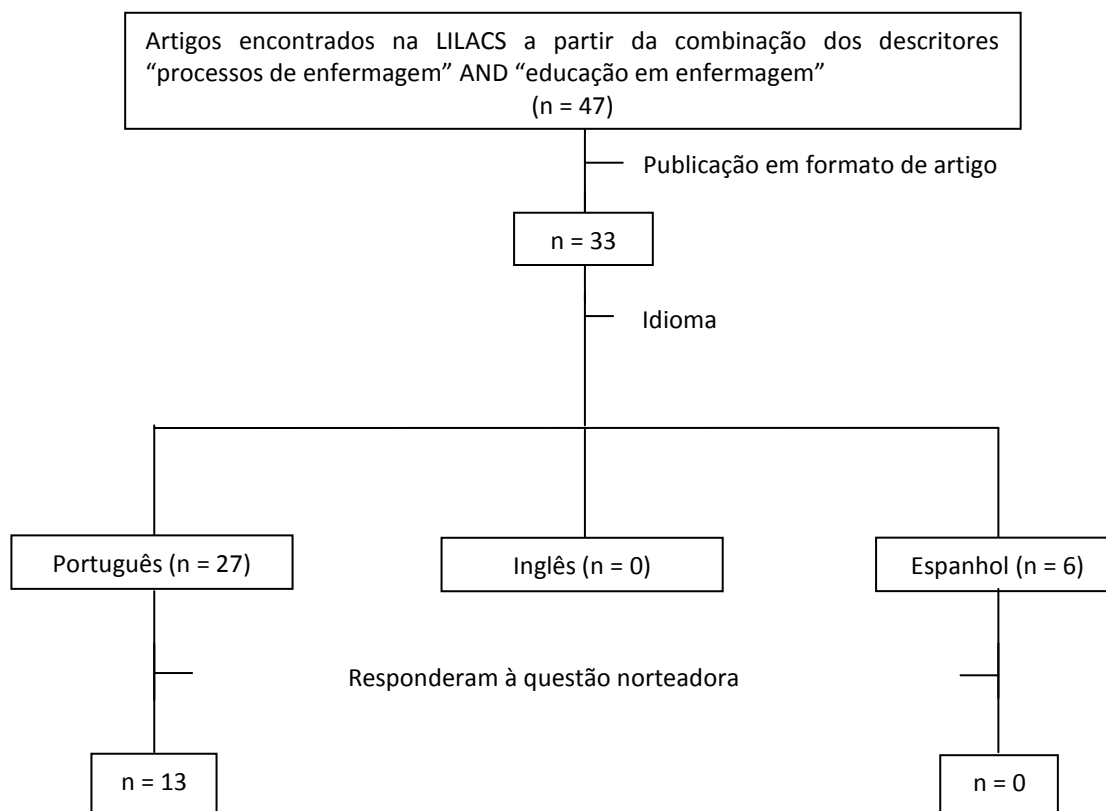
estudos no LILACS e três no SciELO Brasil, conforme sinalizado na Figura 1 e Figura 2.

A busca de artigos, conforme os critérios de inclusão e exclusão mencionados ocorreram no mês de janeiro de 2016, identificando-se uma amostra final composta de 14 artigos, sendo 13 do LILACS e um do SciELO Brasil. Desses, sete artigos estavam disponíveis online e sete foram acessados via o programa de comutação bibliográfica (COMUT), que se trata de uma rede de serviços para a obtenção de cópias de documentos técnico-científicos disponíveis em acervos de bibliotecas de todo o Brasil.

Para a coleta de dados, utilizou-se um instrumento, proposto por Ursi, que proporcionou a coleta organizada e sistematizada das informações dos artigos, de acordo com as seguintes variáveis: título, título do periódico, autoria, graduação dos autores, idioma, ano de publicação, instituição sede do estudo, tipo de publicação, características metodológicas e avaliação do rigor metodológico¹¹.

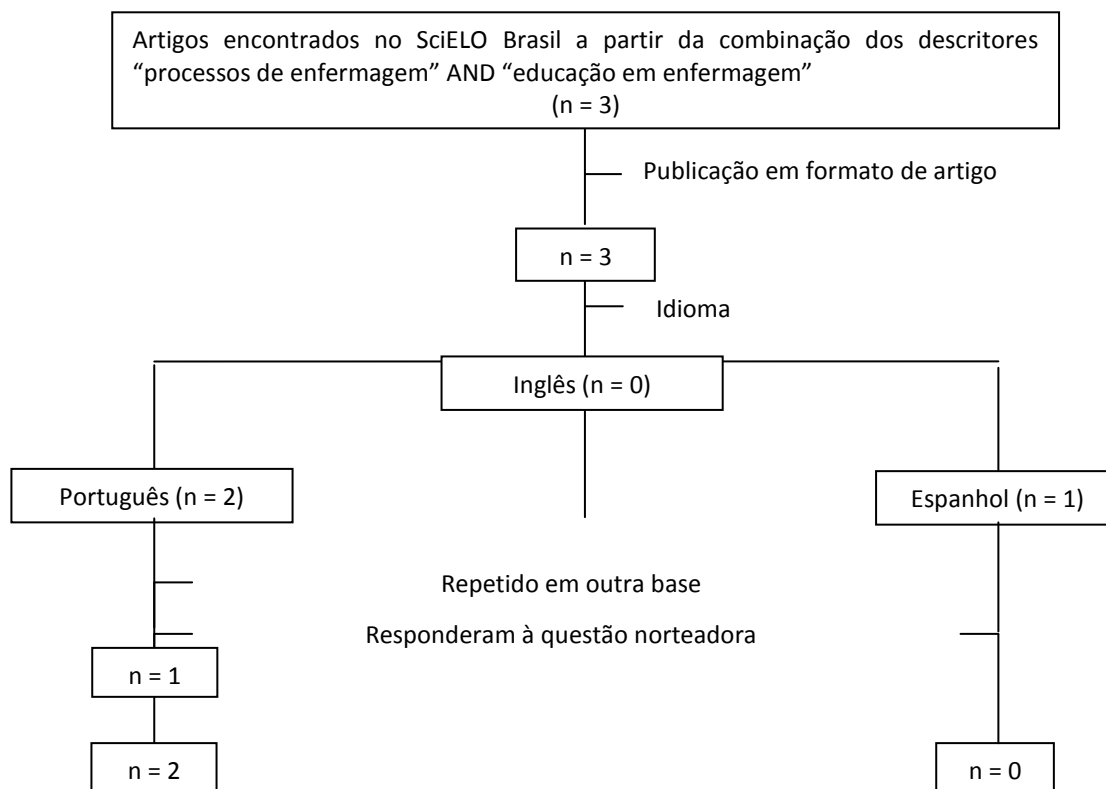
Fez-se essa escolha, pelo fato do instrumento ser utilizado como referência no campo de pesquisas que seguem como

Figura 1 - Representação gráfica da aplicação dos critérios de inclusão e exclusão na base de dados da LILACS



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Figura 2 - Representação gráfica da aplicação dos critérios de inclusão e exclusão na biblioteca eletrônica do SciELO Brasil.



Fonte: Elaborado pela autora, 2016

metodologia a revisão integrativa, uma vez que, foi validado por três docentes de uma universidade pública, experientes na área de avaliação de instrumentos.

Os artigos foram numerados, conforme ordem cronológica de publicação para facilitar sua localização e os dados foram apresentados em tabelas devido à facilidade de organização e visualização dos mesmos.

Resultados e Discussão

Primeiramente apresenta-se a caracterização dos estudos analisados, seguidos pelos resultados dos dados das 14 publicações da amostra, que abordam a SAE nas IES brasileiras.

Em relação ao ano de publicação, as amostras estão compreendidas entre 1987 e 2015. Verificou-se um número maior de publicações, relacionadas ao tema, no ano de 1987 (cinco artigos). Esse fato pode estar associado ao Decreto nº 94.406 de 8 de junho de 1987, que regulamenta a Lei do Exercício Profissional da Enfermagem e resolve em seus artigos 3º e 8º, que cabe privativamente ao enfermeiro, a prescrição da assistência de

enfermagem¹². Isso pode ter encorajado os enfermeiros a produzirem conhecimento sobre a SAE.

Apesar da maioria dos artigos terem sido publicados em 1987, houve publicações sucessivas no decorrer dos anos subsequentes, reintegrando a temática à atualidade de cada época.

Quanto às características metodológicas dos artigos, identificou-se alguns desenhos metodológicos utilizados nos estudos: relato de experiência (5 artigos), abordagem quantitativa (4 artigos), abordagem qualitativa (3 artigos), revisão de literatura (1 artigo) e artigo de reflexão (1 artigo).

O formato da publicação como relatos de experiência, foi encontrado em cinco (35,7%) dos artigos, estando publicados no ano de 1987, com exceção do artigo 12, publicado em 2011. Esse fato pode ter relação com o desenvolvimento da produção científica que na década de 1980 utilizava mais relatos de experiência, como escolha de metodologia. Dessa maneira, as publicações, caracterizavam-se pela subjetividade e os pesquisadores desenvolviam a pesquisa por meio de relatos de experiência, no

qual predominavam os registros de expressão e interpretação¹³.

Quanto à interpretação dos resultados, a fim de contemplar o objetivo geral deste estudo, que busca analisar os métodos utilizados para o

aprendizado da SAE nas IES brasileiras, e seguindo a metodologia de revisão integrativa da literatura, utilizou-se o Quadro 1, a seguir para apresentar a síntese dos dados.

Quadro 1 - Apresentação dos artigos selecionados para a Revisão Integrativa.

	Ano	Autor	Base de dados	Periódico
1	1987 ²⁰	Lidvina Horr; Lucia H. Takase Gonçalves; Rosita Saupe.	LILACS.	Rev Esc Enferm USP
2	1987 ²²	Maria Teresa Cicero Laganã; Thelma Leite de Araujo; Sandra Honorato da Silva; Leila Conceição Rosa dos Santos.	LILACS.	Rev Esc Enferm USP
3	1987 ³⁰	Ana Shirley Valverde Meirelles.	LILACS.	Rev Esc Enferm USP
4	1987 ²⁹	Mariana Fernandes de Souza	LILACS.	Rev Esc Enferm USP
5	1987 ¹⁴	Leila Conceição Rosa dos Santos; Sandra Honorato da Silva; Maria Teresa Cicero Lagana; Thelma Leite de Araujo.	LILACS.	Rev Esc Enferm USP
6	1995 ¹⁵	Cilene Aparecida Costardi Ide; Irene Kreutz.	LILACS.	Rev Esc Enferm USP
7	2000 ²⁴	Magda Cristina Queiroz Dell'Acqua; Ana Maria Kazue Miyadahira.	LILACS.	Rev Esc Enferm USP
8	2002 ¹⁶	Magda Cristina Queiroz Dell'Acqua; Ana Maria Kazue Miyadahira.	LILACS.	Rev Esc Enferm USP
9	2006 ²⁶	Ana Luísa Cogo; Eva Pedro; Miriam Almeida	LILACS.	Online braz j nurs
10	2009 ¹⁷	Valdete Alves de Moura; Luciano Ramos de Lima.	LILACS.	Rev Nursing
11	2009 ³¹	Vera Regina Waldow.	LILACS.	Rev bras enferm
12	2011 ¹⁸	Maria Isabel Pedreira de Freitas; Elenice Valentim Carmona.	LILACS.	Rev bras enferm
13	2013 ¹⁹	Débora de Souza Barbosa da Silva; Gabriela Moraes Bueno de Oliveira; Langs de Arantes Ferreira de Mello; Luanny Regina de Oliveira Santos; Renata Evangelista Tavares; Vivian Schutz.	LILACS.	Rev pesqui cuid fundam on line
14	2015 ²³	Josilaine Porfírio da Silva; Mara Lucia Garanhani; Aida Maris Peres.	SciELO Brasil.	Rev latinoam enferm

Fonte: Coleta direta de dados. Elaborado pela autora (2016).

Os principais achados das amostras foram: disciplinas que abordam a temática; referencial teórico adotado para o ensino da SAE; dificuldades e facilidades apontadas em relação ao ensino da SAE; sugestões para adequar a abordagem do ensino e as vantagens do mesmo

na formação acadêmica.

Em relação as disciplinas que abordam a SAE, 5 dos artigos analisados trouxeram a nomenclatura utilizada em seus respectivos cursos de graduação, conforme Tabela 1, a seguir:

Tabela 1 – Disciplinas que abordam a SAE

Artigo 5	Fundamentos de enfermagem
Artigo 6	Fundamentos do processo de cuidar
Artigo 8	Saúde do adulto
Artigo 10	Enfermagem do adulto e do idoso
Artigo 12	Processo de cuidar do adulto e do idoso

Fonte: Coleta direta de dados. Elaborado pela autora (2016).

Não há uniformidade quanto ao nome dado às disciplinas que abordam a SAE nos cursos de graduação, pois cada IES adota uma nomenclatura distinta, a qual não deixa claro se a SAE está inserida na disciplina, com todas as suas etapas na íntegra.

Por outro lado, todos os artigos continham a descrição do referencial teórico proposto por Wanda de Aguiar Horta, como a opção escolhida para iniciar a instrumentalização do ensino da SAE nos cursos de graduação. Possivelmente, isso se deve ao fato desse referencial ser o mais conhecido pelos enfermeiros, visto que a Wanda Horta desenvolveu a Teoria das Necessidades Humanas Básicas e, a partir disso foi introduzido os conceitos do PE nos cursos de graduação em enfermagem, no início da década de 1970.

Os artigos apontam ainda, alguns fatores que dificultam o ensino da SAE. A opinião da maioria dos docentes frente ao ensino da SAE é de que a mesma é indispensável na formação do acadêmico. Porém, existem alguns fatores que dificultam o ensino e a aprendizagem, como o fato de não haver a aplicabilidade da SAE no campo prático, demonstrando que o ensino está sendo desenvolvido de forma descontinuada e fragmentada ao longo dos cursos de enfermagem^{20,21}.

Já na década de 1980 destacava-se sobre a fragmentação do conhecimento, relacionado a descontinuação do ensino e as divergências entre a teoria e a prática vivenciadas na formação. Alegava-se que o aluno se confundia ao atuar no campo prático, pois o mesmo não conseguia identificar as ações que são essenciais na prática assistencial do enfermeiro, visto que esse profissional atuava com mais frequência em questões burocráticas da unidade, do que na assistência ao paciente. Outro ponto limitante, é que os alunos se sentiam desestimulados pelo fato da equipe de enfermagem não dar continuidade nos cuidados prescritos²².

Desse modo, observa-se que por vezes, os alunos percebem o ensino da SAE como algo irrelevante, visto que não presenciam sua realização, nem pela equipe, nem por enfermeiros dos campos práticos²³.

Imaginava-se que o fato dos hospitais escola serem ligados às universidades, a fim de promover o ensino e a realização de aulas práticas em seu espaço físico, facilitaria a adequação da organização do trabalho nesses ambientes, porém isso não é a realidade, justamente por não haver a integração entre o ensino e a prática¹⁶.

Em meio a essa desintegração, os alunos acabam desempenhando a SAE na graduação como uma atividade isolada do contexto de trabalho da enfermagem. Ao se formarem reproduzem o modelo assistencial vigente, não aplicando o que lhes foi ensinado, pelo fato de não acreditarem no método, já que durante a graduação presenciaram o ensino da SAE de forma fragmentada e desarticulada com o espaço de trabalho do enfermeiro²².

Ainda sobre os fatores que dificultam o ensino da SAE, encontrou-se nas amostras a falta de conhecimentos prévios característicos de outras disciplinas, por parte dos discentes, carga horária disponibilizada para a explanação do assunto reduzida e o fato do ensino de algumas etapas da SAE serem mais abordadas do que outras, nas matrizes curriculares²⁴.

Acrescenta-se como dificuldade, o grande número de alunos pelos quais um único docente fica responsável, dentro do campo prático. Desse modo não é possível observar a execução de todas as atividades desenvolvidas pelo aluno, não possibilitando a orientação acerca de melhorias e necessidades na atuação acadêmica¹⁴.

Por vezes, o docente é sobrecarregado com as funções de ensino, pesquisa e extensão, e ainda precisam enfrentar a demanda educacional crescente, que acarreta num número elevado de alunos por turma²⁵.

Além disso, a carga horária preparatória dos docentes sobre a SAE é reduzida, tornando-se ineficiente. Alguns docentes, têm pouca experiência e conhecimentos sobre a aplicabilidade da SAE, porque não a tiveram em sua totalidade durante sua formação. Faz-se assim necessário a educação continuada e a reciclagem didática, a fim de contribuir para que o ensino da SAE seja realizado englobando todas as etapas que a compõe, resultando em sintonia metodológica, que possivelmente, refletirá em uma assistência de qualidade²⁶.

No entanto, é importante ressaltar, que não cabe toda a responsabilidade do sucesso da aplicabilidade da SAE ao docente. Além dos impasses no âmbito acadêmico, como dissociação entre teoria e prática, ensino pontual da SAE, carga horária insuficiente e falta de conscientização sobre a importância do método, existem as dificuldades encontradas nas instituições de saúde, como número precário de enfermeiros, complexidade da SAE que exige tempo e conhecimento prévios para sua execução e segregação entre enfermeiros docentes e enfermeiros assistenciais¹⁷.

Apontada as dificuldades referentes ao ensino da SAE, a interpretação das amostras revelou também, os fatores que facilitam o ensino da temática na graduação. Os artigos trazem que a visualização dos resultados decorrentes da implementação da SAE, a escolha de um docente para ministrar a disciplina que acredite na SAE como importante ferramenta de trabalho do enfermeiro e a continuidade do ensino da SAE, nas disciplinas subsequentes a sua abordagem são todos quesitos facilitadores do ensino^{16,24}.

Com a intenção de ampliar as facilidades relacionadas ao ensino da SAE, os artigos contribuíram com sugestões para adequar a abordagem de conteúdos acerca do tema, trazendo como sugestão, a difusão do tema de forma ampliada a todas as escolas de enfermagem, para que os alunos de qualquer instituição tenham acesso a esse conhecimento²⁴.

Outra sugestão para adequar a abordagem desse ensino seria a inclusão nos currículos, de mais aulas expositivas, discussão de casos clínicos, seminários e atividades de dramatização no cenário das salas de aula, para abordar os conteúdos. Esses instrumentos de ensino oportunizam ao aluno vivenciar as experiências profissionais já na academia^{16,26,27}.

A estratégia de ensino relativa à apresentação de seminários pelos alunos, mostra ser mais interessante do que as aulas teóricas, porém, alguns alunos limitam-se a aprender somente a parte que lhe cabe apresentar ao professor. Muitos ainda, preocupados com seu próprio desempenho na explanação do assunto, acabam por não dar atenção ao que os outros colegas trazem, acarretando numa quebra do conhecimento integrado¹⁸.

Já na atividade de dramatização trabalha-se com a subjetividade. Ao contrário do que acontece nas aulas expositivas, na dramatização o professor não controla o seu desenvolvimento. Os participantes são quem direcionam a condução da aula atuando como profissionais de enfermagem²⁸.

Como sugestão cita-se a importância do planejamento conjunto entre docentes para uma melhor adaptação da disciplina e aprendizado do conteúdo. Diante da complexidade a respeito da metodologia da assistência de enfermagem é preciso que ocorra um encadeamento dos conteúdos ao longo da graduação, por meio da integração de docentes de semestres distintos, a fim de manter a continuidade, sequência e integração do ensino^{14,5}.

Além da continuidade do ensino, faz-se importante esclarecer aos alunos quais as atividades que constituem a SAE. Ao serem indagados se sabem realizar a SAE, alguns alunos dizem que tiveram uma ou duas aulas sobre ao assunto, mas ao explicar o que é a SAE, eles acabam por entender que a realizavam desde o começo do curso, pois ela esteve presente em vários momentos, como nas consultas de puericultura, prevenção de câncer de colo do útero/mama e de pré-natal, realizadas no primeiro semestre da graduação²³.

Outro ponto relevante encontrado na análise das amostras, que justificam a abordagem da SAE nas IES, diz respeito às vantagens que o ensino da SAE proporciona aos alunos durante a graduação.

Por meio da SAE, o aluno treina sua capacidade de observação, favorecendo a execução de um cuidado holístico ao paciente. Auxilia ainda, no desenvolvimento da comunicação verbal, melhorando o relacionamento interpessoal. O aluno passa a ter um olhar horizontal, quanto às necessidades psicobiológicas e psicossocioespirituais, considerando-as com o mesmo nível de importância. Ao se deparar com os problemas elencados na elaboração da SAE os alunos ficam motivados em tentar encontrar ações de enfermagem mais adequadas para cada caso, aprofundando assim, a gama de conhecimentos sobre diversos temas²².

Dentre as vantagens do ensino da SAE ao aluno, pode-se citar ainda, a melhor relação com pacientes e equipe ao final da disciplina; ampliação da capacidade de percepção e rapidez na identificação das necessidades básicas afetadas; maior número de encaminhamentos e solução de problemas; responsabilidade, a partir da necessidade por parte dos alunos, de desejarem que a assistência ora prestada por eles tenha continuidade²⁹.

Além disso, agrega conhecimentos técnicos e científicos que habilitam ações frente a determinadas situações, nas quais o profissional pode atuar de maneira consciente, desempenhando as funções de um enfermeiro capacitado. A reflexão sobre as intervenções realizadas também são incorporadas na formação acadêmica, sendo a SAE uma possibilidade para seu aprimoramento³⁰⁻¹.

Há a necessidade de explicitar que esse estudo apresentou limitações, visto que poderiam ter sido inclusas teses e dissertações, o que possibilitaria o aumento da amostra. Poderia ainda aumentar a abrangência da pesquisa,

incluindo além dos cursos de ensino superior, dados referentes aos cursos técnicos de enfermagem. No entanto, essas limitações poderão ser supridas por outras revisões e pesquisas cujos resultados poderão ser associados a este estudo.

Os trabalhos analisados na elaboração desse artigo foram suficientes para responder as indagações e contemplar os objetivos desse estudo, demonstrando que parte da formação profissional é construída e alicerçada durante a graduação.

Dessa forma, após a análise dos artigos, conclui-se que nos cursos de graduação as disciplinas que abordam a SAE têm uma nomenclatura generalista, que não evidencia que o ensino dessa metodologia acontecerá. O referencial teórico adotado por unanimidade dos 14 artigos foi o proposto por Wanda de Aguiar Horta, porém houve uma preocupação acentuada dos autores com relação à maneira fragmentada, pela qual é abordada a SAE durante a graduação. Além disso, cabe salientar que os artigos são datados desde 1987 e hodiernamente ainda são elencadas basicamente as mesmas dificuldades de outrora.

Outro aspecto mencionado nos artigos foi a dicotomia entre teoria e prática no ensino da SAE, o que causa incertezas aos estudantes acerca do método e do seu significado. No que tange a abordagem da SAE verificou-se que essa não acontece de modo contínuo, em cada um dos semestres da graduação.

Por outro lado, dentre os achados, evidenciou-se que alunos e docentes acreditam que a SAE traz contribuições significativas para a organização do trabalho do enfermeiro, sendo um caminho para a autonomia profissional. Como facilidades do ensino, destacaram-se a visualização dos resultados obtidos a partir da implementação da SAE pelos alunos, que ao conseguirem efetivá-lo identificam sua relevância no cuidado holístico prestado ao paciente.

Além disso, a crença do docente no método também é um facilitador, visto que esse ocupa uma posição de disseminador de conhecimentos nas IES e isso acaba por influenciar muitos alunos, assim como Wanda Horta influenciou suas alunas na década de 1970, sobre a premissa de um método inovador, abarcando a Teoria das Necessidades Humanas Básicas e do PE.

A continuidade do ensino da SAE, nas disciplinas subseqüências a sua abordagem também favorecem o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, ao perceberem que a

SAE é uma metodologia ampla, que pode ser aplicada em todos os âmbitos da enfermagem.

Como sugestões foram descritas possibilidades para aprimorar o ensino da SAE, por meio: da inclusão do ensino da SAE em todas as matrizes curriculares das escolas de enfermagem; do diálogo entre docentes e alunos para levantar as dificuldades, facilidades e necessidades frente ao processo de ensino e aprendizagem; de estratégias de ensino, como, mais aulas em laboratórios, atividades de dramatização, maior número de aulas práticas e discussão de casos clínicos, além da integração entre professores de semestres distintos, de modo que a abordagem da SAE não se torne pontual, exclusiva em um único semestre.

Desse modo, o ensino da SAE na graduação traz vantagens e benefícios no aprendizado do aluno, promovendo uma melhora da capacidade de observação e comunicação; aptidão para a realização de um cuidado holístico; rapidez na identificação das necessidades básicas do cliente; desenvolvimento de raciocínio crítico; e melhora, significativa, do relacionamento interpessoal com pacientes e equipe de enfermagem, o que conseqüentemente interfere positivamente na qualidade da assistência prestadas aos pacientes.

Referências

1. Tannure MC, Pinheiro AM. SAE: Sistematização da Assistência de Enfermagem. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.
2. Thomé Eda S; Centena RC; Behenck Ada S; Marini M; Heldt E. Applicability of the NANDA-I and Nursing Interventions Classification taxonomies to mental health nursing practice. *Int J Nurs Knowl* [Internet]. 2014 [cited 2016 Jan 08];25(3):168-172. Available from: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/2047-3095.12033/abstract>
3. Cunha SMB, Barros ALBL. Análise da implementação da Sistematização da Assistência de Enfermagem, segundo o Modelo Conceitual de Horta. *Rev bras enferm* [Internet]. 2005 [cited 2016 Jan 08];58(5):568-572. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v58n5/a13v58n5.pdf>
4. Fuly PSC, Leite JL, Lima S. Correntes de pensamento nacionais sobre sistematização da assistência de enfermagem. *Rev bras enferm* [Internet]. 2008 [cited 2016 Jan 08]; 61(6):883-7. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n6/a15v61n6.pdf>

5. Barra DCC, Sasso GTMD. The nursing process according to the international classification for nursing practice: as integrative review. *Texto & contexto enferm* [Internet]. 2012 [cited 2016 Jan 08];21(2):440-7. Available from: http://www.scielo.br/pdf/tce/v21n2/en_a24v21n2.pdf
6. Lucena ICD, Barreira IA. Revista enfermagem em novas dimensões: Wanda Horta e sua contribuição para a construção de um novo saber da enfermagem. *Texto & contexto enferm* [Internet]. 2011 [cited 2016 Jan 08];20(3):534-540. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v20n3/15.pdf>
7. BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Federal de Enfermagem – COFEN. Resolução nº 358/2009. Dispõe sobre a Sistematização da Assistência de Enfermagem e a implementação do Processo de Enfermagem em ambientes, públicos ou privados, em que ocorre o cuidado profissional de Enfermagem. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.
8. Marinelli NP, Silva ARA, Silva DNO. Sistematização da Assistência de Enfermagem: desafios para a implantação. *Rev enferm contemp* [Internet]. 2015 [cited 2016 Jan 08];4(2):254-263. Available from: http://www.novafapi.com.br/sistemas/revistainterdisciplinar/v5n3/rev/rev5_v5n3.pdf
9. Menezes SRT, Priel MR, Pereira LL. Nurses autonomy and vulnerability in the Nursing Assistance Systematization practice. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 2011 [cited 2016 Jan 08];45(4):953-8. Available from: http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n4/en_v45n4a23.pdf
10. Mendes KDS, Silveira RCCP, Galvão CM. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & contexto enferm* [Internet]. 2008 [cited 2016 Jan 08];17(4):758-64. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n4/18.pdf>
11. Ursi ES. Prevenção de lesões de pele no perioperatório: revisão integrativa da literatura. 2005. 130f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
12. BRASIL. Decreto n. 94.406, de 8 de junho de 1987. Regulamenta a Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986, que dispõe sobre o exercício da enfermagem. Brasília – DF, 1987.
13. Souza EC, Abrahão MHMB. Tempos narrativas e ficções: a invenção de si. 1. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
14. Santos LCR, Silva SH, Laganá MTC, Araujo TL. O ensino da metodologia de assistência de enfermagem: responsabilidade da disciplina de fundamentos de enfermagem. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 1987 [cited 2016 Jan 08];21(1):75-84.
15. Ide CAC, Kreutz I. O processamento do conceito sistematização do cuidado: uma etapa para a consolidação da intervenção do enfermeiro. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 1995 [cited 2016 Jan 08];29(3):310-6.
16. Dell’Acqua MCQ, Miyadahira AMK. Ensino do processo de enfermagem nas escolas de graduação em enfermagem do estado de São Paulo. *Rev latinoam enferm* [Internet]. 2002 [cited 2016 Jan 08];10(2):185-191. Available from: www.revistas.usp.br/rlae/article/download/1649/1694
17. Moura VA, Lima LR. Processo de enfermagem: percepção e dificuldades na formação acadêmica. *Nursing (São Paulo)* [Internet]. 2009 [cited 2016 Jan 08];12(139):570-4.
18. Freitas MIP, Carmona EV. Estudo de caso como estratégia de ensino do processo de enfermagem e do uso de linguagem padronizada. *Rev bras enferm* [Internet]. 2011 [cited 2016 Jan 08];64(6):1157-60. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v64n6/v64n6a25.pdf>
19. Silva DSB, Oliveira GMB, Mello LAF, Santos LRO, Tavares RE, Schutz V. Processo de enfermagem implementado ao cliente com hipertensão, diabetes mellitus, hepatite C: estudo de caso. *Rev pesqui cuid fundam on line* [Internet]. 2013 [cited 2016 Jan 08];5(1):3196-3205. Available from: http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/1881/pdf_673
20. Horr L, Gonçalves LHT, Saupe R. O ensino da metodologia assistencial de enfermagem: Departamento de Enfermagem – UFSC. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 1987 [cited 2016 Jan 08];21(1):40-54.
21. Utyama IKA, Uratani M. O ensino do Processo de Enfermagem: opinião dos enfermeiros. *Rev bras enferm* [Internet]. 1990 [cited 2016 Jan 08];43(1):19-25. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v43n1-2-3-4/v43n1-2-3-4a04.pdf>
22. Laganá MTC, Araujo TL, Silva SH, Santos LCR. Metodologia assistencial de enfermagem: reflexões baseadas em experiências de ensino. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 1987 [cited 2016 Jan 08];21(1):21-8.

23. Silva JP, Garanhani ML, Peres AM. Systematization of nursing care in undergraduate training: the perspective of complex thinking. *Rev latinoam enferm* [Internet]. 2015 [cited 2016 Jan 08];23(1):59-66. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v23n1/0104-1169-rlae-23-01-00059.pdf>
24. Dell'Acqua MCQ, Miyadahira AMK. Processo de enfermagem: fatores que dificultam e os que facilitam o ensino. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 2000 [cited 2016 Jan 08];34(4):383-9. Available from: <http://www.revistas.usp.br/reeusp/article/view/41180/44726>
25. Gasparini SM, Barreto SM, Assunção AA. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. *Educ pesqui* [Internet]. 2005 [cited 2016 Jan 08];31(2):189-199. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a03v31n2.pdf>
26. Cogo AL, Pedro E, Almeida M. O Ensino do Processo de Enfermagem no Brasil: produções na literatura de 1996 a 2006. *Online braz j nurs* [Internet]. 2006 [cited 2016 Jan 08];5(3):284-7. Available from: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/rt/prINTERfriendly/542/122>
27. Luzia MF, Costa FM, Lucena AF. O ensino das etapas do processo de enfermagem: revisão integrativa. *Rev enferm UFPE on line* [Internet]. 2013 [cited 2016 Jan 08];7(1):6678-87. Available from: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/85456/000908779.pdf?sequence=1>
28. Souza MMT. A dramatização como recurso pedagógico em enfermagem. *Rev Pró-univerSUS* [Internet]. 2010 [cited 2016 Jan 08];1(1):1-10. Available from: <http://www.uss.br/pages/revistas/revistaprouiversus/artigos/1-Adramatizacao-como-recurso-pedagogico-em-Enfermagem.pdf>
29. Souza MF. O ensino da metodologia assistencial de enfermagem no Departamento de Enfermagem da Escola Paulista de Medicina: influência do pensamento e propostas da Dra. Wanda de Aguiar Horta. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 1987 [cited 2016 Jan 08];21(1):34-9.
30. Meirelles ASV. O quê e o porquê do ensino da metodologia assistencial em enfermagem. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 1987 [cited 2016 Jan 08];21(1):55-61.
31. Waldow VR. Momento de cuidar: momento de reflexão na ação. *Rev bras enferm* [Internet]. 2009 [cited 2016 Jan 08];62(1):140-5.

Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n1/22.pdf>

Endereço para Correspondência

Cryshna Letícia Kirchesch
 Rua Almirante Tamandaré, 163, Edifício Augustos, Sala 103, Bloco A – Centro – Pelotas (RS)
 CEP.: 96010-750
 Contato: (53)98154 - 2254
 e-mail cryslety@hotmail.com

Recebido em 23/09/2016
 Aprovado em 09/03/2017
 Publicado em 03/05/2017